

07-04-2025

## São Francisco e Deus: algumas divergências

### Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Depois de velejar com meu Celtinha pelas estradinhas do pantanal sergipano, ao chegar na pequenina Brejo Grande, já à noite, a primeira coisa que vi foi uma padaria. Essa viagem colocou as padarias no *script* do meu recém desvirtuado e, por isso, “virtuoso”, destino. Logo, vi a placa na portinha ao lado que dava pro segundo andar do pequeno prédio. **ALUGAMOS QUARTOS PARA CAVALHEIROS LIMPOS E FRESCOS.** Ao mesmo tempo que me senti acolhido fiquei em dúvida: *será que os quartos são limpos e frescos ou será que essa é uma exigência para os cavalheiros candidatos?* Se fosse a última hipótese eu não estaria garantido... Entrei primeiro na padaria pra me certificar. Enquanto eu pedia um pão com mortadela e um café com leite, o rapaz simpático foi logo perguntando se eu ia seguir viagem. Quando eu disse que pretendia dormir na cidade ele se antecipou à minha dúvida: *os quartos aqui são limpos e frescos.* Confesso meu alívio e fechei minha hospedagem na hora. O preço da dormida era um pouco mais que o preço do sanduíche e do café. O rapaz continuou fazendo perguntas e eu me adiantei. *Sou pesquisador e quero fazer uma pesquisa com trabalhadores da foz do Chico.* Ele quase gritou: **Meu irmão!** Levei um sustinho com a voz elevada. Olhei pros lados pra ver se era o irmão dele chegando. *Meu irmão Ismael é trabalhador da foz do rio, vou falar com ele.* Ismael me acompanhou pela foz. Devia ter a minha idade mas eu o achava menino. Mesmo com nossa amizade se aprofundando naquele *apenas um dia* não tive coragem de perguntar sua idade. Ali na foz também descobri que tem muitas coisas entre as pessoas que a gente não precisa saber e, por isso, não deve perguntar. A revelação de sua idade não me acrescentaria em nada o fascinante sentimento de achar que ele devia ter a minha idade e eu achá-lo um menino. Ele me falou de tudo que sabia e podia saber. O que não falou foi por falta de tempo ou por desnecessidade de assunto. Quando acordei após uma noite tranquila num quarto limpo e fresco, Ismael já estava lá me esperando e já sabia que eu pesquisava trabalhadores da foz. Ele era barqueiro. Usava o barco de seu tio que já estava doente e já não dava conta da rotina. Eu vinha descobrindo devagarzinho que a riqueza daquela gente que trabalha duro a vida toda, sem férias, sem folgas, sem direitos, sem aposentadoria à vista tinha vários componentes. Quais são os componentes de riqueza dessa gente? Sei que essa lista não é completa nem será, mas já tem vários indícios. Ismael quando apertou a minha mão ainda sonolenta na padaria me exibiu a riqueza. O sorriso. Não há sorriso mais sorridente do que o de qualquer um desses trabalhadores sem guarida. E ao dizer que seu irmão lhe havia dito que eu era pesquisador mostrou outra riqueza. A solidariedade.

Ser solidário com um pesquisador desconhecido é ser solidário com o país que o deixa abandonado à própria sorte. Não há vingança. Essa é, também, uma das riquezas das pessoas simples que constroem um país que lhes esnoba. Um Estado de direito, por meio de suas políticas, jamais poderia se vingar de seu povo. Governos que ocupam o Estado de direito para se vingar de seu povo, esses sim devem ser condenados a não serem nada. Devem receber nosso nojo e desprezo. Outra riqueza dessa gente é a liga. A liga(ção) com os diversos elos familiares mostra a pertença a um sítio simbólico que envolve o tio, dono do barco, o irmão, que serve no balcão da padaria e, sabe-se lá, tantas gentes da família e agregados esmerando-se pra deixar os lençóis limpos e os aposentos frescos naquele reduto aconchegante do 2º andar da padaria. Ismael vai me mostrando riquezas. Fala de seu trabalho. *A gente como barqueiro tem um trabalho que começa quando a gente acorda e não termina quando a gente dorme. É ligação direta o tempo todo. Minha mulher Maria Isolda brinca comigo que preferia ser o barco do meu tio do que ela. Não tem dia livre. Fora dos melhores tempos de turismo ainda dá pra tirar uma folguinha, mas como a gente também pesca, ‘cê pode imaginar.* Em 2009, a beleza da região e o significado simbólico do encontro do São Francisco encontrando o mar contrastava com a pobreza visível da pequena cidade. Na época o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano - era o 73º entre os 75 municípios de Sergipe. Isso não parece ter mudado. Imagino o Santo Francisco (o RIO) indo ao encontro do Mar (DEUS) pra pedir ajuda. E nada. Talvez revoltado pela petulância de Chico, DEUS em formato de Oceano Atlântico, invadiu a Ilha do Cabeço. Lá havia um farol. Ismael me levou até lá. O Farol do Cabeço piscava a noite inteira, desde 1876. Era a referência pro navegante chegar chegando confiante. Nos anos 1980, quando o Velho Chico foi sendo enfraquecido e perdendo volume d’água por causa das 33 hidrelétricas construídas rio acima e afluentes, o mar (DEUS) veio com força e afundou parte do Farol e alagou a comunidade do Cabeço. DEUS, creio, não se vinga: apenas alerta. E mandou ver. Quem perdeu foi o velho Chico santo dos passarinhos... Hoje, o Farol está fora de combate, com metade debaixo d’água. E a comunidade do Cabeço está totalmente submersa. Quando Ismael me mostrou o Farol, senti que ele via aquilo como um símbolo de que sua comunidade poderia ser a próxima a ser engolida. Ninguém sabe se pelas artimanhas de DEUS-Mar, se pelas ganâncias dos homens ou se pelas covardias dos governos representantes das elites políticas endinheiradas que nos provocam tristeza, indiferença, raiva e nojo. Da minha parte, hoje olhando pra trás, vejo o Farol do Cabeço como a vitória da depravação da natureza sobre a sua preservação. O uso da natureza sem pudor é o uso despudorado da própria mãe. Para quem acredita que GAIA é a mãe, ver o que vemos acontecer é assistir, passivamente, estupradores realizarem o estupro de nossa condição humana. Ismael continuou falando de seu trabalho. ■■■